

FATORES ASSOCIADOS À SEXUALIDADE DOS ADOLESCENTES DE ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS ESTADUAIS DO MUNICÍPIO DE MORRINHOS – GO

Aroldo Vieira de Moraes Filho¹
Genáina Fernandes Guerra²
Vanessa Delfino³

RESUMO

Em nossa sociedade, o tema sexualidade ainda encontra-se cercado de mistério e tabus, o que, é indício de atraso, pois, dada a relevância do tema, deveria haver clara discussão entre adultos e adolescentes inexperientes. Na adolescência é imprescindível que os pais, professores e profissionais da equipe de saúde, que fazem parte do universo das relações interpessoais do adolescente, participem para contribuir no desenvolvimento saudável do indivíduo. O objetivo do trabalho é avaliar o nível de informação dos adolescentes de Ensino Médio das Escolas Estaduais de Morrinhos – GO sobre assuntos relacionados à sexualidade e investigar a postura de pais e professores diante de temas relacionados ao sexo entre adolescentes, buscando compreender se esses socializadores (pais e professores) estão cumprindo com seus papéis de informantes. As análises dos dados dividiram-se nas seguintes etapas: avaliação do nível de informação dos adolescentes e avaliação da percepção de pais e professores diante de assuntos relacionados à sexualidade. Os adolescentes demonstram ter conhecimento dos assuntos que envolvem a sexualidade, sugerindo que os pais e professores estão cumprindo com os seus papéis como informantes.

Palavras-chave: Adolescência; Sexualidade; Escolas.

INTRODUÇÃO

Adolescência é a fase da vida do ser humano que tem como característica fundamental as transformações do plano orgânico, psicológico e comportamental. É o elo entre a fase infantil e a fase adulta. É a preparação para a fase adulta (MEIRA, 2002).

A adolescência seguramente é um dos períodos mais difíceis da vida. As transformações ocorridas nessa fase são determinantes na caracterização do novo adulto, através da consolidação da estrutura de personalidade, das aquisições comportamentais, dos valores e novos papéis sociais (MEIRA, 2002).

Além das transformações físicas, a adolescência é marcada pelas descobertas e pela busca da superação de obstáculos (SOUSA et al., 2006). As novas experiências na adolescência podem desencadear sentimentos de medo e insegurança. Como sexo é algo desconhecido no universo do adolescente, este tende a iniciar cada vez mais precocemente a prática de relações sexuais, muitas vezes até mesmo por pressão do grupo social no qual se encontra engajado (SOUSA et al., 2006).

¹ Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Morrinhos. E-mail: moraesfilho18a@hotmail.com

² Professora do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Morrinhos. E-mail: genainaguerra1@hotmail.com

³ Professora do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Morrinhos. E-mail: vandelfino1@hotmail.com

Para o adolescente, aspectos relacionados à sexualidade assumem posição de destaque em suas vidas sendo um momento importante no seu processo de formação como ser humano. Nesta fase, é imprescindível que os pais, professores e profissionais da equipe de saúde, que fazem parte do universo das relações interpessoais do adolescente, participem no sentido de contribuir para o desenvolvimento saudável da pessoa (MEDEIROS et al., 2001).

Entendemos, portanto, que não existe uma única definição do que é sexualidade, mas que, a partir da história pessoal e da aprendizagem social se constrói uma concepção do que é a sexualidade. Dessa forma o produto de uma construção é historicamente determinado social e culturalmente onde se apreende alguma atribuição ou mesmo o significado para as vivências práticas e experiências sexuais. Cada grupo social constrói e recria imaginário social sobre alguns aspectos da sexualidade. Entre eles podemos citar seu sentido, seu valor e seu papel na existência humana que, dessa forma assume importante significado em nossas vidas se manifestando de maneiras diversas em cada pessoa e em cada cultura e momentos históricos distintos (MEDEIROS et al., 2001).

Nas sociedades contemporâneas a escola tem sido o espaço privilegiado para a aquisição de habilidades cognitivas e sociais por crianças e jovens, facilitando os processos de recreação de si e do mundo e, assim, reduzindo a sua vulnerabilidade social. Jovens fora da escola têm menos chances de reinterpretar as mensagens pejorativas relacionadas às idéias de pobreza, negritude e feminilidade, o que interfere no modo como será exercida sua sexualidade (VILLELA & DORETO, 2006).

Após ter refletido sobre o modo como a sexualidade na juventude tem sido focada como um problema social cabe agora problematizar como a escola se insere nessa questão (ALTMANN, 2007 a).

Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais, pois, ao longo das últimas décadas, a postura e o modo de perceber a sexualidade pela sociedade tem sofrido modificações substanciais. Este aspecto tem deixado pais e professores perplexos e muitas vezes em dificuldades para abordar o assunto com seus filhos ou alunos (MEDEIROS et al., 2001).

A abordagem interdisciplinar pode contribuir para a busca de resoluções fundadas em raciocínio crítico e conhecimento na problematização dos temas referentes à sexualidade por parte dos adolescentes, de uma forma integrada e não alienada ao contexto em que vivem (TONATTO & SAPIRO, 2002).

No entanto, para que a transversalidade e a interdisciplinaridade se efetivem, a prática na relação ensino-aprendizagem deve ser re-significada substancialmente às modificações na estrutura do planejamento curricular são necessárias, uma vez que a base tradicional do ensino brasileiro não possibilita o desenvolvimento de um trabalho diferenciado (interdisciplinar e transversal), pois está fundamentada em princípios e objetivos que não condizem mais com a contemporaneidade (TONATTO & SAPIRO, 2002).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a criação do tema transversal orientação sexual é justificada pelos aumentos dos casos de gravidez e de contaminação pelo HIV e outras DST's entre jovens (ALTMANN, 2007 a). Apesar da proposta dos PCN ter sido de que esse tema fosse trabalhado transversalmente nas escolas, não foi isso que ocorreu na maior parte delas. Na prática, essa proposta tem se demonstrado de difícil implementação, aparecendo muito mais como um ideal, como aquilo que deveria ser feito, do que como ou que é de fato realizado no dia-a-dia da escola (ALTMANN, 2007 b).

O que insere concretamente o tema da sexualidade na escola são os livros didáticos de Ciências. Desse modo, a educação sexual acaba sendo desenvolvida de modo disciplinar, dentro da disciplina que está mais próxima do discurso médio, que na 7ª série tem como tema o Corpo Humano. Assim, ensinado por professoras formadas em Ciências Biológicas e baseado em livros didáticos de Biologia, o modo de focar o tema da sexualidade era fortemente marcado por esse campo disciplinar (ALTMANN, 2007 b).

A família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação (BIASOLI-ALVES, 2004). O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar (PRATTA & SANTOS, 2007).

A família deve falar sobre sexo, pois se as primeiras orientações sexuais vierem de dentro de casa, serão informações mais seguras e os filhos poderão tornar-se mais espontâneos para comentarem em casa sobre o assunto. As curiosidades iniciais das crianças sobre o sexo devem ser atendidas no linguajar próprio ao seu entendimento, porém sem fugir muito da realidade, para que as crianças não criem uma noção longínqua da realidade futura. Assim, repreender as crianças ou até mesmo os adolescentes ou surpreende-los em atitudes

masturbatórias ou suspeita não é recomendável. A superproteção dos pais e especialmente da mãe é significativamente danosa, tal qual o abandono (MEIRA, 2002).

Entretanto, além da família não oferecer informações necessárias sobre o assunto aos adolescentes, acreditando que esta é uma tarefa da escola e/ou dos serviços de saúde, existe também a forte influência de elementos culturais sobre esse comportamento (SOUSA et al., 2006).

Cabe ressaltar que atualmente as famílias vêm se deparando com inúmeras mensagens de apelo sexual nos meios de comunicação e como apontam Lopes e Maia (1993) o corpo e a sexualidade têm sido usados exaustivamente para divulgar e vender “desde sabão em pó até toalhas de banho”, tornando-se produto consumível.

Como se sabe, a estrutura familiar passou por muitas transformações nos últimos anos. A família trocou o modelo hierárquico, no qual os papéis familiares eram rigidamente estabelecidos e o poder centralizado na figura do pai por um modelo igualitário, no qual se destacam os ideais de liberdade e respeito à individualidade. Neste modelo, não é correto que os pais imponham suas idéias aos filhos ou os proibam de fazer certas coisas. O desenvolvimento dos filhos passa a ser orientado pela experimentação e descoberta. O diálogo, e não a autoridade impõe-se como valor fundamental na educação e nas relações familiares (DIAS & GOMES, 1999).

Não é uma tarefa simples para os pais responderem às indagações sexuais dos filhos e acompanharem as mudanças decorrentes de seu crescimento. (MEIRA, 2002).

Entre as experiências corporais, emocionais, afetivas e amorosas que ocorrem no processo de desenvolvimento da sexualidade na adolescência, a primeira relação sexual é considerada um marco na vida do indivíduo, sendo inclusive marcada pela expressão “*a primeira vez a gente nunca esquece*”. Não se pode negar que, do ponto de vista da saúde reprodutiva e sexual, ao mesmo tempo em que marca uma passagem para a vida adulta, também insere o adolescente, de forma mais intensa, no grupo vulnerável às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS, à gestação não planejada e ao aborto (BORGES et al., 2007).

A comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos é marcada, enfim, por uma ambigüidade em que ambas as partes reconhecem os problemas, mas evitam enfrentá-lo. O dilema está então constituído. A ambigüidade explícita na percepção da problemática dos desdobramentos prováveis da comunicação. Por exemplo, a orientação sexual poderia levar a

iniciação sexual precoce? Ou a falta de orientação poderia resultar em doenças ou gravidez indesejada? (DIAS & GOMES, 1999).

As conseqüências de uma gravidez na adolescência são bem documentadas, despertando sérias preocupações em relação à saúde da mãe e da criança. Do ponto de vista social, há que se considerar o aumento no potencial de perda de oportunidades educacionais e de trabalho, entre as que engravidam, tendo-se em vista que mães adolescentes podem ser forçadas a abandonar a escola mais cedo e, portanto, têm chances mais reduzidas de conseguirem uma inserção em atividades produtivas que exijam maior qualificação (LEITE et al., 2004).

Essa banalização da sexualidade tem dificultado a tarefa de educar, de associar sexo a afeto, responsabilidade e promoção da saúde. Diante dessa realidade, a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais da saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protelem sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, auto-estima e pratiquem sexo com segurança (CANO, 2000).

Em nossa sociedade, o tema sexualidade ainda encontra-se cercado de mistério e tabus, o que, acreditamos, seja indício de atraso, pois, dada a relevância do tema, deveria haver clara discussão entre adultos e adolescentes inexperientes. Diante do silêncio em casa, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes também imaturos, contribuindo, dessa maneira, para a prática do sexo de forma insegura (SOUSA et al., 2006).

No Brasil, as pesquisas sobre comportamentos de saúde entre jovens ainda são escassas e se concentram em questões ligadas à gravidez precoce, ao uso de anticoncepcionais e ao uso de substâncias. Pouco se conhece sobre outros comportamentos na área de saúde quanto à sobreposição de diferentes comportamentos de risco entre jovens (CARLINI-COTRIM et al., 2000).

A falta de informação sobre sexualidade é um problema psicológico complexo, mas que nem sempre recebe atenção de pesquisadores em psicologia, educação e saúde pública. Refere-se a um problema cotidiano que aparece nos jornais diários, é tema de conversas entre amigos, quando não é uma experiência real em família ou na família de amigos. Por isso a sexualidade dos adolescentes necessita de mais atenção e cuidado, pois além de estar causando preocupações sociais, apresenta conseqüências epidemiológicas e demográficas, justificando políticas públicas de implementação da Educação Sexual nas escolas.

São múltiplos os caminhos que levam um jovem a ter relações sexuais desprotegidas, e os números que vêm à tona sobre gravidez, DST ou sobre a infecção pelo HIV sem dúvida são menores do que os números reais (VILLELA & DORETO, 2006).

Daí a necessidade de buscarmos conhecer melhor os mitos, tabus e a realidade da sexualidade para que possamos abordá-la de forma mais tranqüila com os adolescentes, de manter um diálogo franco e entender as manifestações dessa sexualidade aflorada e própria da idade (CANO et al., 2000).

Numerosos fatores têm sido descritos como associados ao início da vida sexual, entre eles algumas características aqui nomeadas individuais, tais como idade, cor, sexo, religião, escolaridade e a situação de trabalho, bem como aquelas aqui consideradas familiares, ou seja, relativas à comunicação e ao relacionamento entre pais e filhos, à supervisão parental e à estrutura familiar (BORGES et al., 2007).

O diálogo com o outro substancia a discussão das relações entre prazer e reprodução sexual, entre desenvolvimento psicológico e biológico, portanto é importante que a equipe de saúde, os pais, os professores e a própria sociedade se informem sobre a sexualidade, para que, de fato, possam colaborar na formação dos jovens de hoje, onde quer que eles estejam: na escola, hospital ou Unidade Básica de Saúde. É esse diálogo que pontua a informação tênue e perdida no movimento acelerado da mídia e colabora com a conscientização dos fatores de riscos implícitos na prática do sexo sem responsabilidade e proteção.

Entendemos, a partir da literatura, que a parceria escola-família-saúde seria uma das alternativas para se buscar “maneiras” de orientação sexual aos adolescentes, facilitando a tarefa educativa de pais e professores (CANO et al, 2000).

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo avaliar o nível de informação dos adolescentes de Ensino Médio das Escolas Estaduais de Morrinhos – GO sobre assuntos relacionados à sexualidade e investigar a postura de pais e professores diante de temas relacionados ao sexo entre adolescentes, buscando compreender se esses socializadores (pais e professores) estão cumprindo com seus papéis de informantes.

De acordo com o objetivo geral, a pesquisa tem como objetivos específicos: conhecer e identificar as principais dúvidas dos adolescentes do Ensino Médio das Escolas Estaduais do Município de Morrinhos; avaliar o nível de conscientização dos adolescentes sobre os fatores de riscos em relação às práticas sexuais sem proteção e responsabilidade; avaliar o nível de conscientização dos pais e professores em relação à importância de discutir a sexualidade com os adolescentes; descrever os aspectos individuais e familiares associados ao início da vida

sexual de adolescentes do Ensino Médio das Escolas Estaduais do Município de Morrinhos – GO; focalizar a percepção dos pais e professores em relação às conversas sobre sexualidade e fatores associados com os adolescentes.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada nas duas maiores e mais tradicionais Escolas Estaduais do Município de Morrinhos e a metodologia utilizada para a coleta dos dados foi dividida em três etapas.

Para atingir os objetivos do projeto, foram usados como instrumentos de coleta de dados questionário e entrevista.

Em um questionário deve-se minimizar possíveis dificuldades de compreensão do texto das perguntas, instruções adicionais e das opções de resposta, evitando os possíveis “efeitos de seqüência” na leitura de trechos de perguntas e opções de resposta para o questionário tornar-se o mais “amigável” possível para o respondente (FAERSTEIN et al., 1999).

Portanto, com o intuito de facilitar a compreensão dos questionários foram realizados testes-pilotos, pois segundo Piovesan & Temporini (1995) define-se pesquisa exploratória (teste-piloto), na qualidade de parte integrante da pesquisa principal, como o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer.

Na primeira etapa, após a aplicação do teste piloto e feita as correções necessárias no instrumento de coleta de dados, foram aplicados 130 questionários baseados nas literaturas, com alguns tópicos centrais, que visam testar o nível de informação dos adolescentes sobre aspectos da sexualidade na adolescência. Os questionários foram de autopreenchimento, anônimos e foram aplicados em sala de aula nas três séries do Ensino Médio de cada Escola. Sua aplicação foi feita por um dos autores do trabalho e a turma foi escolhida aleatoriamente, sendo uma turma por turno. Após o seu preenchimento, o aluno devolvia o questionário para o pesquisador.

As aplicações dos questionários ocorreram na ausência do professor, durante uma hora-aula.

Com relação ao questionário ele consta de 37 questões fechadas e abertas, houve a autorização dos pais de 65 adolescentes (por escola), sendo 16 do primeiro ano do ensino médio, 22 do segundo e 25 do terceiro.

Para a participação do adolescente na pesquisa, houve uma prévia autorização dos diretores das escolas participantes, por meio do consentimento livre e informado, respeitando o sigilo e o anonimato dos informantes. O critério de seleção dos participantes foi a voluntariedade.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI & QUARESMA, 2005).

Na segunda etapa, participaram como informantes deste estudo 24 pais, sendo 12 por Escola, dos adolescentes que responderam ao questionário. As famílias foram localizadas através dos filhos e da escola. A entrevista tem como objetivo reconstituir um conjunto amplo de circunstâncias comunicativo-familiares em relação ao tema proposto pelo trabalho. O primeiro contato com os informantes foi realizado por meio de ligações do pesquisador para o participante para marcar uma data para a entrevista. No início da entrevista, após nova apresentação e esclarecimento sobre os objetivos do projeto, foi entregue aos pais um termo de consentimento pós-informação. As entrevistas constam de 12 perguntas, foram realizadas nas residências dos entrevistados ou na própria escola e tiveram, em média, quinze minutos de duração.

Na terceira etapa, foram realizadas 24 entrevistas com professores dos adolescentes que responderam ao questionário, sendo 12 por Escola. Os professores foram localizados com o auxílio da direção da escola. A entrevista teve como objetivo entender a percepção dos professores diante de assuntos relacionados à sexualidade na adolescência. O primeiro contato com os informantes foi realizado pessoalmente para marcar uma data para a entrevista. No início da entrevista, após nova apresentação e esclarecimento sobre os objetivos do projeto, foi entregue aos professores um termo de consentimento pós-informação. As entrevistas constam de 10 perguntas, foram realizadas nas escolas e tiveram, em média, quinze minutos de duração.

As análises dos dados dividiram-se nas seguintes etapas:

- Primeira etapa: AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE INFORMAÇÃO DOS ADOLESCENTES;

Para avaliar o nível de informação dos adolescentes, as respostas são lidas e relidas exaustivamente, para propiciar representar esses dados através de gráficos e tabelas.

- Segunda etapa: AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE PAIS E PROFESSORES DIANTE DE ASSUNTOS RELACIONADOS À SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA;

Para avaliar a percepção de pais e professores diante de assuntos relacionados à sexualidade na adolescência foi utilizado o sistema de análise quantitativo-interpretativo para propiciar a construção de categorias descritivas, que segundo Biasoli-Alves (1998) este tipo de análise, no caso específico da entrevista e das sentenças incompletas, prevê dois momentos de agrupamentos: o das questões e o das respostas. No primeiro é importante observar o que cada pergunta permite obter e classificar as questões segundo a proximidade de sentido nas informações que elas possibilitam...Encerrada esta etapa tem início a tarefa ligada à elaboração de sistemas abertos para categorizar respostas com base em inferências quanto ao seu significado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- *TRATAMENTO DOS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS ADOLESCENTES*

Dos 130 adolescentes que participaram da pesquisa, 38,5% eram do sexo masculino e 61,5% do sexo feminino. No Gráfico 1 está representada a distribuição da porcentagem de participantes de acordo com a faixa etária.

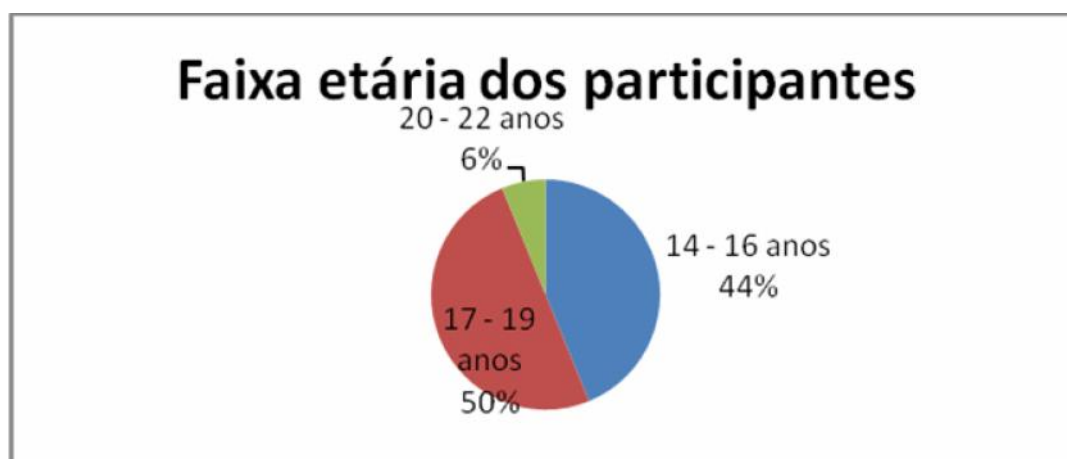


Gráfico 1. Distribuição da faixa etária dos participantes em porcentagem

A distribuição dos participantes por faixa etária deu-se da seguinte maneira: 44% (14 – 16 anos), 50% (17 – 19 anos) e 6% (20 – 22 anos). Alguns alunos encontram-se na fase adulta, mas participaram da pesquisa por cursarem o Ensino Médio.

Dentre os participantes, 65,4% são adeptos da religião Católica, 29,2% da Evangélica, 3,1% da Espírita, 1,5% são ateus e 0,8% Testemunha de Jeová.

Segundo Belo & Pinto E Silva (2004) a vivência da sexualidade dos jovens é complexa por estar relacionada a crenças, valores e atitudes que influenciam o comportamento social do indivíduo.

O Gráfico 2 representa a forma como os adolescentes percebem a relação de seus pais para com eles.



Gráfico 2. Visão dos adolescentes diante da relação com os pais

Apesar da maioria dos participantes afirmarem que os pais são informativos, quando questionados sobre com quem sentem-se mais a vontade para conversar sobre sexualidade, as respostas foram enumeradas, por ordem de importância, obtendo em primeiro lugar os amigos, seguidos pela mãe, professores, pai, palestrantes e familiares, respectivamente.

Na Tabela 1, estão as respostas dos adolescentes diante de questões que remetem ao comportamento dos pais em relação a sexualidade.

Tabela 1. Porcentagem das respostas de adolescentes em relação a alguns comportamentos dos pais que remetem a sexualidade

QUESTÕES	SIM	NÃO	QUASE SEMPRE	TOTAL
Seus pais se dão bem entre si?	63,90%	11,50%	24,60%	100%
Seus pais discutem assuntos de sexo na sua presença?	16,20%	49,20%	34,60%	100%
Seus pais trocam carinhos na sua presença?	47,70%	52,30%	0,00%	100%
Você conversa com sua mãe sobre assuntos ligados a sexo?	35,40%	36,90%	27,70%	100%
Você conversa com seu pai sobre assuntos ligados a sexo?	19,20%	63,10%	17,70%	100%

A atitude dos pais parece refletir no comportamento dos filhos e na Tabela 1 os adolescentes responderam que seus pais se dão bem.

Quando questionados sobre a concordância ou não das relações sexuais antes do casamento, a maioria dos participantes posicionam-se a favor, como demonstrado no Gráfico 3.

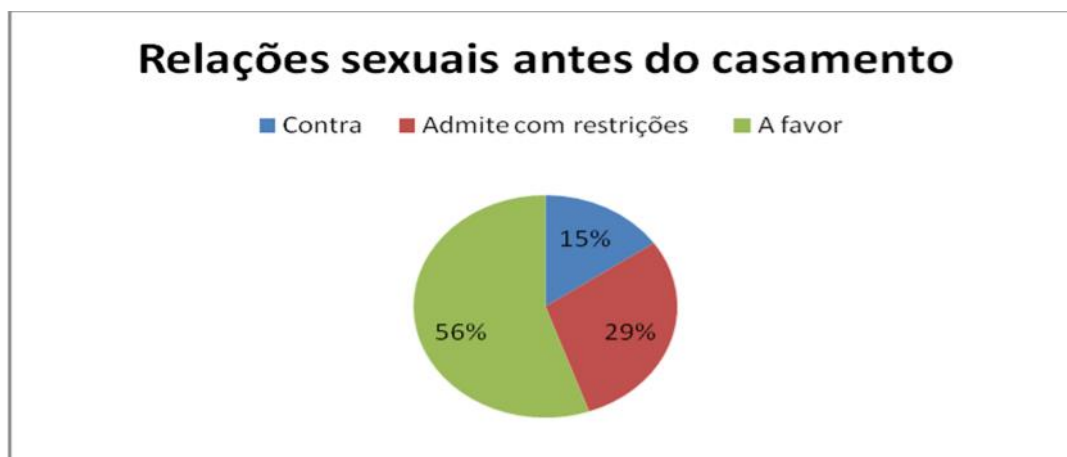


Gráfico 3. Posicionamento dos participantes frente as relações sexuais antes do casamento

Correlacionadas com a questão das relações sexuais antes do casamento, a Tabela 2 apresenta a opinião dos pesquisados sobre alguns temas polêmicos, nos quais são notórias as evidências que o julgamento de valor é diferente de acordo com o sexo de quem o pratica.

Tabela 2. Porcentagem das respostas em relação a traição e virgindade com diferença entre os sexos

QUESTÕES	CONTRA	A FAVOR	ADMITE COM RESTRIÇÕES	TOTAL
Qual a sua opinião sobre a traição praticada pelo homem?	75,40%	20,00%	4,60%	100%
Qual a sua opinião sobre a traição praticada pela mulher?	42,30%	16,90%	40,80%	100%
Qual a sua opinião sobre a mulher casar virgem?	19,20%	36,20%	44,60%	100%
Qual a sua opinião sobre o homem casar virgem?	27,70%	36,90%	35,40%	100%

Na resposta sobre traição, a maioria é contra a praticada pelo sexo masculino, porém nas questões sobre virgindade, mais pesquisados são a favor ao homem casar virgem do que a mulher, isso pode ser justificado pelo fato dos participantes do sexo feminino (80 pessoas) prevalecerem em relação ao sexo masculino (50 pessoas) e portanto, aceitarem esses comportamentos femininos.

Já na Tabela 3 são apresentados dados sobre comportamentos que remetem a iniciação sexual.

Tabela 3. Questões que remetem a iniciação sexual

QUESTÕES	SIM	NÃO	TOTAL
Você já iniciou sua vida sexual?	54,60%	45,40%	100%
Você se masturba?	34,60%	65,40%	100%
Você já procurou um médico para tirar suas dúvidas sobre sexo?	23,90%	76,10%	100%
Você já recebeu orientações sobre métodos contraceptivos?	33,10%	66,90%	100%
Você já teve alguma doença adquirida por contato sexual?	0%	100%	100%

Dos 59 participantes (54,6%) que afirmaram ter iniciado a vida sexual, 32 deles afirmam tê-la iniciado entre os 12 -15 anos e, 27 entre os 16 – 19 anos. Estes dados chamam a atenção, porque os fatores responsáveis pelo aumento das Doenças Sexualmente

Transmissíveis (DST's) entre os adolescentes, destaca-se a diminuição da idade de início das relações sexuais, o aumento do número de parceiros e a ausência do uso de preservativos (TAQUETTE et al., 2003). Dentre os adolescentes sexualmente ativos, 40,8% dizem que não sofreram influência ao perder a virgindade e dos 4,6% que sentiram-se influenciados, temos como respostas de possíveis pessoas que os influenciaram os amigos(as) e os namorados(as). 69,5% dos adolescentes que iniciaram a vida sexual tiveram entre 1-5 parceiros(as), 10,2% tiveram entre 6-10 e 20,3% tiveram mais de 11 parceiros(as) no último ano.

Entre os participantes que deram início a vida sexual, 49,1% têm entre 1-5 relações sexuais por mês, 13,6% têm entre 6 -10 e 17,3% têm mais de 11 relações sexuais por mês. Dentre eles, 21 indivíduos afirmam que a bebida é um estimulante sexual, 4 dizem que é desestimulante e 34 pessoas não bebem.

Para os adolescentes sexualmente ativos perguntamos sobre alguns métodos contraceptivos e os dados estão representados na Tabela 4.

Tabela 4. Porcentagem das respostas dos adolescentes sobre o uso de métodos contraceptivos

MÉTODOS CONTRACEPTIVOS	COSTUMA USAR	USA DE VEZ EM QUANDO	DESCONHECE	TOTAL
Lavagem interna	10,10%	5,10%	84,80%	100%
Diafragma	6,80%	1,70%	91,50%	100%
Tabelinha	20,30%	6,80%	72,90%	100%
Coito interrompido	13,50%	11,90%	74,60%	100%
Camisinha	78%	20,30%	1,70%	100%
DIU	3,40%	16,90%	79,70%	100%
Pílula	52,50%	11,90%	35,60%	100%
Outros	1,50%	0%	98,50%	100%

Dentre os outros métodos contraceptivos utilizados foram citados o anticoncepcional injetável e a não utilização de método contraceptivo.

O fato da maioria absoluta conhecer o preservativo masculino e desconhecer os demais métodos contraceptivos, pode ser justificado pelas campanhas de prevenção das DST's/AIDS (PINTO & SILVA et al., 1980).

Quando perguntados sobre o recebimento ou não de orientações sobre métodos contraceptivos, 33,1% responderam que nunca receberam nenhum tipo de orientação sobre o tema e 66,9% responderam já terem sido orientados em relação aos métodos, citando como orientadores as escolas, os médicos, a família, os palestrantes, amigos, farmacêutico, namorado(a) e alguns afirmaram pesquisar o assunto na Internet. Porém, em relação as informações sobre DST's/AIDS, os pesquisados enumeraram como principais fontes, por ordem de importância: a escola, a família, a mídia, o médico, os amigos e os palestrantes.

Apesar de apenas 34,6% dos questionados dizerem que masturbam-se, 77,7% dos adolescentes consideram a masturbação normal, enquanto 22,3% dizem que a masturbação é um ato anormal.

Um fato que possa justificar a maioria dos participantes não terem iniciado a vida sexual é que quando perguntados em relação a definição de sexo, as respostas foram agrupadas na seguinte ordem de importância: prova de amor, prazer, função reprodutiva, forma de comunicação e prova de posse. Para Caputo & Bordin (2007), o adolescente inicia os relacionamentos sexuais para estabelecer relações afetivas mais profundas e duradouras visando a formação de um núcleo familiar.

A Tabela 5 apresenta as respostas dos pesquisados em relação a gravidez na adolescência e ao aborto.

Tabela 5. Posicionamento dos adolescentes frente a gravidez e o aborto

QUESTÕES	SIM	NÃO	SEM OPINIÃO FORMADA	DEPENDE DO CASO	TOTAL
Você considera a gravidez na adolescência um problema?	55,40%	22,30%	0,00%	22,30%	100%
Você acha que há discriminação contra grávidas na escola?	53,90%	46,10%	0%	0%	100%
Você concorda com a legalização do aborto?	8,50%	49,20%	21,50%	20,80%	100%

As pessoas que responderam que dependendo do caso acreditam que a gravidez na adolescência é um problema, citaram como possíveis problemas a gravidez indesejada, falta de condições para cuidar do filho e falta de apoio da família e do parceiro. Em relação ao aborto, as pessoas que responderam que dependendo do caso concordam com a legalização do aborto, justificaram as respostas com estupro, gravidez indesejada e má formação do feto.

Os adolescentes enumeraram por ordem de importância os motivos que acreditam que levam uma pessoa a realizar o aborto como sendo: medo do julgamento da sociedade por causa da gravidez, falta de apoio da família, gravidez precoce, depressão, má formação do feto e falta de Deus. Evidencia-se aqui o poder que a religião exerce frente a formação da identidade e da opinião dos adolescentes.

Dos 130 participantes, apenas 9 já tem filhos, sendo que 6 possuem 1 filho, 2 participantes possuem 2 filhos e 1 possui 3 filhos e apenas 3 pesquisados moram na mesma casa que os filhos. Dos 9 indivíduos que têm filho, 5 tiveram uma gravidez não planejada. Estes dados corroboram com Carlos et al. (2007) onde cita que apesar de manter-se com valores elevados em muitos países, a gravidez na adolescência pode estar a diminuir.

O Gráfico 4 apresenta os dados que permitem comparar as opiniões dos adolescentes em relação à dois temas polêmicos que envolvem a sexualidade.

Dos 130 participantes, apenas 5 indivíduos já tiveram experiência homossexual. 37,7% dos participantes acreditam que o homossexualidade é mais comum entre os homens, 16,2% acreditam que seja mais comum entre as mulheres e 46,1% preferiram não opinar sobre a questão.

Em relação a Educação Sexual ser ministrada nas Escolas, os dados obtidos encontram-se no Gráfico 5. Apesar de muitos posicionarem-se a favor da Educação Sexual nas Escolas, o Gráfico 6 demonstra que a maioria dos adolescentes estão satisfeitos em relação ao que já é ensinado sobre sexualidade na Escola.

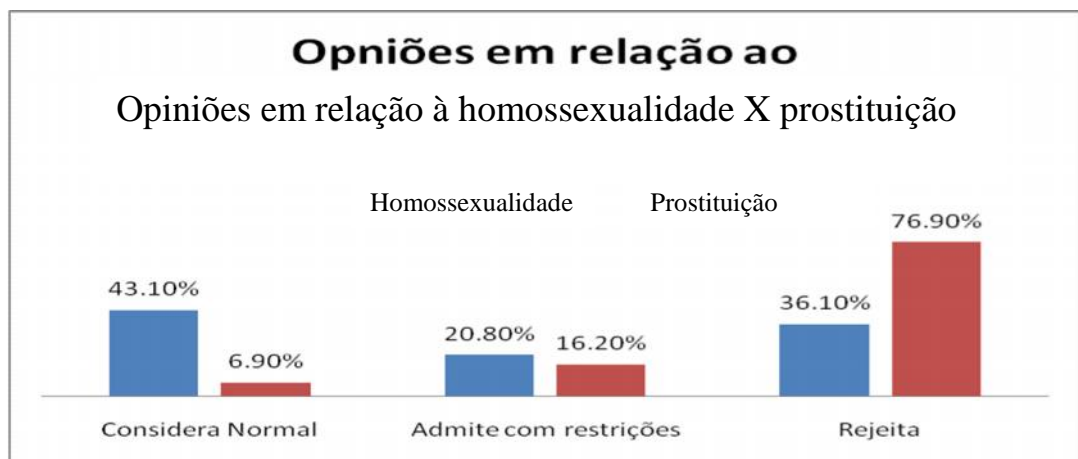


Gráfico 4. Opinião dos adolescentes sobre homossexualidade X prostituição



Gráfico 5. Porcentagem das opiniões dos adolescentes sobre ministrar educação sexual nas escolas



Gráfico 6. Opinião dos adolescentes em relação a Educação Sexual existente na escola

Os dados mostram que 90% (117 indivíduos) acreditam que a boa orientação fará com que a juventude de amanhã tenha uma vida sexual mais gratificante e, portanto, será mais feliz, enquanto apenas 10% (13 indivíduos) acreditam que a boa orientação não pode garantir isso. Essa maioria absoluta, demonstra que há necessidade do Governo Federal em prever a antecipação da Educação Sexual nas escolas (ALTMANN, 2007 b).

- *TRATAMENTO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PAIS*

Participaram da pesquisa 24 pais, sendo 37,5% do sexo masculino e 62,5% do sexo feminino. A distribuição da faixa etária ocorreu da seguinte maneira: 58,3% dos pais tinham entre 33 e 40 anos, 29,2% tinham entre 41 e 48 anos e 12,5% tinham entre 49 e 56 anos de idade.

O método adotado para analisar os dados obtidos das entrevistas com os professores foi o quantitativo-interpretativo.

Pergunta 1 – Como é seu relacionamento com seu filho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por cinco categorias.

1 – Relação aberta: Quando os pais dizem que conversam muito com o filho. Ex: “Muito bom, conversamos bastante em todos os sentidos”.

2 – Relação aberta com amizade: Quando os pais dizem que além de conversar muito com os filhos, mantém uma relação de amizade entre eles. Ex: “Muito bom, porque temos muita amizade e explico tudo para ela dentro da clareza para que não haja dúvida em decorrência da adolescência dela”.

3 - Relação aberta com julgamento do filho: Quando os pais dizem que conversam com os filhos e julgam o comportamento do adolescente. Ex: “Uma relação de pai e filho normal, porque ele é um filho que considero como exemplar e eu acho que faço minha parte como pai.”

4 – Relação restrita: Quando os pais dizem que não conversam muito com os filhos. Ex: “Bom, apesar de conversarmos pouco, porque ele conversa mais com o pai”.

5 – *Relação restrita com conflito*: Quando os pais dizem que não conversam muito com os filhos por haver conflito entre eles. Ex: “É regular, porque não conversamos muito. Temos dificuldades de entender uma à outra”.

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 6.

Tabela 6. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: como é seu relacionamento com seu filho

Categorias de respostas	F	%
Relação aberta	10	41,7%
Relação aberta com amizade	4	16,7%
Relação aberta com julgamento do filho	2	8,3%
Relação restrita	6	25,0%
Relação restrita com conflito	2	8,3%
Total	24	100%

Os dados demonstram que a maioria dos pais mantém uma relação aberta com os filhos, este tipo de relação pode favorecer na orientação do filho, porque segundo Prust & Gomide (2007) ao interagirem com os filhos de maneira afetuosa e empática, explicitando as suas opiniões, os pais estarão oferecendo modelos de valores esperados no ambiente familiar e que são generalizados em outras circunstâncias.

Pergunta 2 – Quando você era adolescente, conversava sobre todos os assuntos com seus pais?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por cinco categorias.

1 – *Negativa*: Quando os pais respondiam que não havia conversa em casa. Ex: “Não, a minha mãe não dava liberdade para conversar assunto nenhum com ela”.

2 – *Negativa por imposições da época*: Quando os pais respondiam que não havia diálogo por imposições da época. Ex: “Não, eles eram mais antigos e mais fechados”.

3 – *Negativa com busca de informações em outros*: Quando os pais respondiam que não havia diálogo, mas procuravam saber sobre sexo com terceiro. Ex: “Eu não conversava e tinha que conversar com terceiros, porque meu pai não dava liberdade e eu tinha receio”.

4 – *Negativa por falta de convívio com os pais*: Quando os pais diziam que saíram de casa cedo. Ex: “Não, porque eu comecei a trabalhar muito cedo e sai de casa aos 13 anos.”

5 – *Afirmativa com abertura parcial*: Quando os pais afirmavam que tinham pouco diálogo em casa. Ex: “Conversava alguns assuntos, mas sexo eles nunca me deram liberdade, aprendi na escola, porque não gostava de conversar com colegas para não ter informações erradas.

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 7.

Tabela 7. Freqüência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: você conversava sobre todos os assuntos com seus pais

Categorias de respostas	F	%
Negativa, sem diálogo	11	45,8%
Negativa por imposições da época	6	25,0%
Negativa com busca de informações com outros	3	12,5%
Negativa por falta de convívio com os pais	2	8,3%
Afirmativa com abertura parcial	2	8,3%
Total	24	100%

O fato da maioria dos pais não conversarem em casa quando adolescentes demonstra que a família é um modelo ou padrão cultural que se sofre transformações no decorrer do processo histórico – social (PRATTA & SANTOS, 2007).

Pergunta 3 – Como você vê a sexualidade na adolescência atualmente?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por seis categorias.

1 – *Julgamento com comparação de época*: Ex: “Atualmente é bem menos rígido do que no meu tempo, está muito liberal. Hoje em dia vemos crianças de 12 ou 13 anos bebendo, usando drogas e tudo mais”.

2 – *Julgamento com ênfase na gravidez*: Ex: “Eu acho que está muito aflorada e a gravidez é pior, porque eu vejo muita adolescente grávida, minha sobrinha mesmo é um exemplo, ficou grávida com 15 anos”.

3 – *Julgamento com ênfase no homossexualidade*: Ex: “ O homossexualidade está muito atuante e como converso muito com meu filho, abordo muito esse assunto, passando o que eu sei para que ele saiba se defender. Hoje está muito difícil nesse sentido, porque antes era mais escondido e hoje eles manifestam sua conduta abertamente.”

4 – *Julgamento com culpa nos pais*: Ex: “Muito avançado, mas depende de como a família trata do assunto em casa.”

5 – *Julgamento com culpa dos adolescentes*: Ex: “Eu acho que eles não tratam normal como deveria ser, eles não se importam muito”.

6 – *Julgamento com culpa na escola*: Ex: “Eu acho que o jovem está precisando ter mais orientação na escola ou até mesmo programas da prefeitura para adolescentes, porque acredito que está faltando muita orientação das escolas.”

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 8.

Tabela 8. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: como você vê a sexualidade na adolescência atualmente

Categorias de respostas	F	%
Julgamento com comparação de épocas	4	16,7%
Julgamento com ênfase na gravidez	5	20,8%
Julgamento com ênfase no homossexualidade	2	8,3%
Julgamento com culpa na família	2	8,3%
Julgamento com culpa dos adolescentes	8	33,3%
Julgamento com culpa na escola	3	12,5%
Total	24	100%

Os dados demonstram que a maioria dos pais culpam as consequências da sexualidade praticada sem prevenção e preocupação nos próprios adolescentes.

Pergunta 4 – Você conversa com seu filho sobre sexo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por quatro categorias.

1 – *Afirmativa com iniciativa dos pais*: Quando os pais afirmam que tomam a iniciativa da conversa. Ex: “Converso, pergunto, especulo, procuro saber para ela ficar ciente dos riscos e perigos.”

2 – *Afirmativa com iniciativa dos filhos*: Quando os pais afirmam que conversam se o filho tomar a iniciativa. Ex: “Bastante, às vezes estamos assistindo uma reportagem ou ela lê alguma coisa na Internet e não entende, me pergunta e a gente conversa abertamente.”

3 – *Raramente*: Quando os pais afirmam que conversam pouco com seus filhos. Ex: “Muito pouco, porque ele fala mais com o pai”.

4 – *Negativa por culpa dos adolescentes*: Quando os pais afirmam que não conversam porque o filho não gosta de falar sobre sexo. Ex: “Ele não dá abertura, às vezes começo a falar, ele abaixa a cabeça e eu o acho muito tímido no assunto e não tem muita abertura na conversa.”

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 9.

Tabela 9. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: você conversa com seu filho sobre sexo

Categorias de respostas	F	%
Afirmativa com iniciativa dos pais	15	62,5%
Afirmativa com iniciativa dos filhos	1	4,2%
Raramente	7	29,2%
Negativa por culpa dos adolescentes	1	4,2%
Total	24	100%

Esses dados apresentam que os pais estão preocupando-se com a vida sexual dos filhos, pois 62,5% dos pais afirmam tomar a iniciativa na conversa sobre sexo com os adolescentes.

Pergunta 5 – Você acredita que a forma como a sexualidade é tratada na sua casa pode afetar o jeito que o seu filho lida com sexo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por quatro categorias.

1 – *Afirmativa*: Quando os pais acreditam que sim, mas não justifica a resposta. Ex: “Sim, porque se ela não tiver a mãe como amiga, quem ela terá?”.

2 – *Afirmativa com ênfase em iniciação sexual prolongada*: Quando os pais acreditam que sim, porque os filhos demorarão mais para iniciar a vida sexual. Ex: “Eu acho que contribui para que ele esteja praticando mais tarde.”

3 – *Afirmativa com ênfase em prevenção*: Quando os pais acreditam que contribui para que os filhos previnam-se mais. Ex: “Eu acho que está bom, porque ensinamos a prevenir a doença e a gravidez, mas tenho um exemplo dentro de casa que engravidou com 17 anos.”

4 – *Depende do adolescente*: Quando os pais acreditam que a orientação somente surtirá efeitos se o adolescente conscientizar-se. Ex: “Acredito que o filho se espelha no pai, por isso, creio que sim. Porém, isso vai da cabeça dele e eu não sei como ele pensa.”

As categorias de respostas encontram-se na Tabela 10.

Tabela 10. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: você acredita que a forma como a sexualidade é tratada na sua casa pode afetar o jeito que o seu filho lida com sexo

Categorias de respostas	F	%
Afirmativa	10	41,7%
Afirmativa com ênfase em iniciação sexual prolongada	4	16,7%
Afirmativa com ênfase em prevenção	4	16,7%
Depende do adolescente	6	25,0%
Total	24	100%

Os pais participantes têm consciência que a forma como a sexualidade é tratada dentro de casa afeta no comportamento sexual dos filhos. Segundo Borges, Latorre & Schor (2007) a comunicação e o relacionamento entre pais e filhos, à supervisão parental e a estrutura familiar são fatores que podem determinar a decisão de iniciar a vida sexual.

Pergunta 6 – Você discute assuntos de sexo com outras pessoas na presença de seu filho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por cinco categorias.

1 – *Negativa por ser assunto íntimo*: Quando os pais responderam que não conversam porque acreditam que é um assunto íntimo. Ex: “Não, sempre que conversamos, estamos à sós, meu diálogo com ele é mais reservado.”

2 – *Negativa para não perder a confiança do filho*: Quando os pais responderam que não conversam para que os filhos não fiquem conversando depois com terceiros. Ex: “ Não, porque eu acho que depois eles vão querer procurar outras pessoas para saber mais, como os colegas e amigos.”

3 – *Negativa por falta de oportunidade*: Quando os pais responderam que nunca conversaram porque não tiveram oportunidade. Ex: “Não, porque não tenho oportunidade.”

4 – *Afirmativa com restrições*: Quando os pais responderam que conversam alguns assuntos relacionados a sexo com seus filhos na presença de terceiros. Ex: “Falo sobre camisinha, métodos anticoncepcionais. Eu sempre falo com as amigas dela, mas só o que elas podem ouvir na idade delas.”

5 – *Afirmativa sem restrições*: Quando os pais responderam que falam abertamente sobre sexo com seus filhos na presença de terceiros. Ex: “Havendo oportunidade e sendo uma conversa sadia sim, porque falo abertamente desde que ele era pequeno e surgiram os “porquês” e eu explicava de acordo com a idade deke e quando ia crescendo eu ia explicando melhor.”

As categorias encontram-se na Tabela 11.

Tabela 11. Freqüência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: você discute assuntos de sexo com outras pessoas na presença de seu filho

Categorias de respostas	F	%
Negativa, por ser assunto íntimo	7	29,2%
Negativa para não perder a confiança do filho	3	12,5%
Negativa por falta de oportunidade	4	16,7%
Afirmativa com restrições	6	25,0%
Afirmativa sem restrições	4	16,7%
Total	24	100%

Os dados da tabela acima demonstram que os pais têm alguns tabus sobre os temas relacionados com a sexualidade que devem ser discutidos na presença de seus filhos.

Pergunta 7 – Em sua opinião, quem deve ser responsável pela orientação sexual de seu filho?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por cinco categorias.

1 – *Exclusivamente os pais*: Quando os pais afirmaram que somente os pais tem essa responsabilidade. Ex: “Os pais.”

2 – *Parceria pais e escola*: Quando os pais afirmaram que têm que orientar, mas a escola deve complementar a orientação sexual. Ex: “Os pais e a escola ajuda muito também.”

3 – *Parceria pais e profissionais da área*: Quando os pais afirmaram que têm que orientar, mas os profissionais da área devem complementar a orientação sexual. Ex: “Os pais e o que eu não souber, devo pedir ajudas. Eu já pedi ajuda de psicólogos e o que ele não souber ajuda, levo ao ginecologista.”

4 – *Parceria pais e mídias*: Quando os pais afirmaram que têm que orientar, mas as mídias devem complementar a orientação sexual. Ex: “Os pais, mas admiro muito o jeito que a mídia trata esse assunto sério que se torna cada vez mais sério.”

5 – *A sociedade como um todo*: Quando os pais afirmaram que a sociedade é responsável pela orientação sexual de seus filhos. Ex: “Os pais, a família, os professores e qualquer pessoa madura que saiba orientar e mostrar o certo e o errado”.

As categorias encontram-se na Tabela 12.

Tabela 12. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: quem deve ser responsável pela orientação sexual de seu filho

Categorias de respostas	F	%
Exclusivamente os pais	10	41,7%
Parceria pais e escola	8	33,3%
Parceria pais e profissionais da área	1	4,2%
Parceria pais e mídias	2	8,3%
A sociedade como um todo	3	12,5%
Total	24	100%

A maioria dos pais atribuem-se exclusivamente a si próprios a responsabilidade da educação sexual de seus filhos, seguidos dos pais que acreditam que a escola pode complementar essa orientação, depois os pais que afirmam que a sociedade é responsável pela orientação sexual dos adolescentes, em seguida os pais que acreditam que as mídias podem auxiliar na orientação sexual dos adolescentes e apenas 4,2% dos pais ressaltaram a importância dos profissionais da área auxiliarem na educação sexual dos adolescentes.

Pergunta 8 – Em sua opinião, qual é o papel da escola em relação a orientação sexual dos adolescentes? Ela exerce esse papel adequadamente?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por cinco categorias.

1 – *Orientar, exerce o papel adequadamente*: Ex: “Dar palestras, estar sempre orientando e a escola exerce seu papel adequadamente.”

2 – *Orientar, exerce o papel parcialmente*: Ex: “Eu acho que é orientar através de palestrar sobre as DST’s, mas as escolas deixam um pouco a desejar, pois deveriam conversar mais com eles e perguntar mais o que eles acham a respeito do assunto.”

3 – *Orientar, mas não exerce o papel adequadamente*: Explicar bastante, porque tudo que dizem na escola, os adolescentes guardam e isso pode evitar um problema maior. Porém, a escola não tem feito nada, porque acredito que deveria ter pelo menos uma aula na semana sobre isso, explicando as coisas da sexualidade.”

4 – *Complementar o conhecimento, exerce o papel adequadamente*: Ex: “Complementar a educação que ele traz de casa. Acho que a escola exerce até mais, porque muitos pais não orientam em casa e jogam a responsabilidade para a escola.”

5 – *Complementar o conhecimento, mas não exerce adequadamente*: Ex: “Continuar o que o adolescente traz de casa. Creio que a escola não exerce o papel adequadamente, porque se exercesse não teríamos tanto adolescentes perdidos.”

As categorias encontram-se na Tabela 13.

Tabela 13. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: qual é o papel da escola em relação a orientação sexual dos adolescentes, ela exerce esse papel adequadamente

Categorias de respostas	F	%
Orientar, exerce o papel adequadamente	7	29,2%
Orientar, exerce o papel parcialmente	11	45,8%
Orientar, mas não exerce o papel adequadamente	3	12,5%
Complementar o conhecimento, exerce adequadamente	1	4,2%
Complementar o conhecimento, mas não exerce adequadamente	2	8,3%
Total	24	100%

Apesar de 41,7% (Tabela 12) dos pais atribuir-se a si mesmos a responsabilidade pela orientação sexual dos adolescentes, apenas 12,5% dos pais afirmaram que a escola deve complementar o conhecimento do aluno e não ser a responsável pela sua orientação.

Pergunta 9 – Você já falou para seu filho procurar um médico ou algum outro profissional que possa tirar as dúvidas sobre sexo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por quatro categorias.

1 – Negativa, mas acredita que há necessidade: Quando os pais responderam que não falaram, mas que acreditam que a conversa com o médico seja importante. Ex: “Sobre sexo não, mas acho que uma orientação de especialista no assunto é sempre bom.”

2 – Negativa, porque acredita que não há necessidade: Quando os responderam que não falaram e não acham necessário. Ex: “Não, acho que não tem necessidade, porque é melhor pai e mãe mesmo esclarecer.”

3 – Afirmativa: Quando os pais responderam que já falaram para os filhos conversarem com um médico para sanar as dúvidas sobre sexo. Ex: “Sim, para que o profissional esclareça melhor do que eu as dúvidas dela.”

4 – *Afirmativa, mas há recusa do adolescente*: Quando os pais responderam que já falaram, mas os filhos não querem ir ao médico conversar sobre sexo. Ex: “Sim, mas ela não queria.”

As categorias encontram-se na Tabela 14.

Tabela 14. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: você já falou para seu filho procurar um médico ou algum outro profissional que possa tirar as dúvidas sobre sexo

Categorias de respostas	F	%
Negativa, mas acredita que há necessidade	6	25,0%
Negativa, porque acredita que não há necessidade	8	33,3%
Afirmativa	9	37,5%
Afirmativa, mas há recusa do adolescente	1	4,2%
Total	24	100%

Esses dados demonstram que grande parte dos pais, ao educarem sexualmente seus filhos, não estão ressaltando a importância de um profissional da área no esclarecimento de dúvidas em relação a sexualidade. Porém, 37,5 % acreditam na opinião de um profissional e 4,2% afirmam que apesar de já terem orientado o filho a conversar sobre sexo com um profissional da área, o adolescente recusa.

Pergunta 10 – Você acha que informa adequadamente seu filho sobre assuntos que envolvem a sexualidade?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – *Afirmativa, por não ter restrições*: Ex: “Creio que sim, porque converso abertamente com ela.”

2 – *Afirmativa, por mostrar exemplos reais*: Ex: “Sim, porque pego exemplos do dia-a-dia e explico para ela.”

3 – *Negativa, por ter algumas restrições*: Ex: “Não, porque às vezes tenho receio de falar algumas coisas, porque penso que ela aprenderá através de experiências.”

As categorias encontram-se na Tabela 15.

Tabela 15. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: você acha que informa adequadamente seu filho sobre assuntos que envolvem a sexualidade

Categorias de respostas	F	%
Afirmativa, por não ter restrições	13	54,2%
Afirmativa, por mostrar exemplos reais	3	12,5%
Negativa, por ter algumas restrições	8	33,3%
Total	24	100%

Apenas 33,3% dos pais acreditam que podem melhorar a educação sexual de seus filhos. Um fato relevante é que 66,7% afirmam informar adequadamente seus filhos em relação a assuntos que envolvem a sexualidade.

Pergunta 11 – Você acredita que, com boa orientação, a juventude de amanhã poderá ter uma vida sexual mais gratificante?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos pais, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – Afirmativa, com ênfase na prevenção: Pais que responderam que sim pelo fato de auxiliar na prevenção. Ex: “Eu acho que sim, porque ensina eles a prevenirem contra as doenças e a usarem camisinha.”

2 – Afirmativa, desde que haja a participação de todos: Pais que responderam que sim, se houver a participação de todos os responsáveis pela educação sexual dos adolescentes. Ex: “Com certeza, se todos fizerem a sua parte, só tende a melhorar, porque se eu fizer a minha parte, a escola a dela, a mídia já está fazendo a dela, então não tem como não melhorar.”

3 – Depende do adolescente: Pais que responderam que para que a juventude tenha uma vida sexual mais gratificante, é necessário que os adolescentes mudem a sua conduta. Ex: “Sim, mas acho muito difícil atualmente conseguir algo nesse sentido, porque a juventude atual é muito desobediente.”

As categorias encontram-se na Tabela 16.

Tabela 16. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos pais em relação à questão: você acredita que, com boa orientação, a juventude de amanhã poderá ter uma vida sexual mais gratificante

Categorias de respostas	F	%
Afirmativa, com ênfase na prevenção	8	33,3%
Afirmativa, desde que haja participação de todos	13	54,2%
Depende do adolescente	3	12,5%
Total	24	100%

Esses dados demonstram que 12,5% dos pais atribuem a melhoria da vida sexual dos adolescentes ao próprio adolescente, acreditando que a informação é transmitida e depende da consciência de cada indivíduo para que tenha uma vida sexual mais gratificante.

• *TRATAMENTO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES*

Participaram da pesquisa 24 professores, sendo 25% do sexo masculino e 75% do sexo feminino. A porcentagem de professores, segundo a faixa etária deu-se da seguinte maneira: 25% dos professores tinham entre 27 e 35 anos, 41,7% tinham entre 36 e 44 anos e 33,3% tinham entre 45 e 53 anos de idade.

Quanto a religião, 45,7% dos participantes são adeptos da Católica, 29,2% da Evangélica, 12,5% Espírita, 4,2% Agnóstico, 4,2% Testemunha de Jeová e 4,2% são ateus.

O Gráfico 7 apresenta o número de anos que os professores investigados estão trabalhando na escola participante.



Gráfico 7. Anos que os professores encontram-se vinculados a instituição atual

A análise do gráfico acima demonstra que a maioria dos professores (63%) têm entre 1 e 10 anos de vínculo com as escolas participantes, 29% têm entre 11 e 20 anos e apenas 8% têm mais de 21 anos que lecionam nas escolas participantes.

No Gráfico 8 encontram-se os dados referentes à formação acadêmica dos professores participantes.



Gráfico 8. Porcentagem de participantes por formação acadêmica dos professores

Os dados referentes à formação dos professores mostram que 37,5% dos participantes são formados em Letras, 16,6% em Ciências Biológicas, 12,5% em Matemática, 12,5% em Geografia, 12,5% em História, 4,2% em Educação Física e 4,2% em Química.

O método adotado para analisar os dados obtidos das entrevistas com os professores foi o quantitativo-interpretativo.

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização, no qual o número de categorias variou de acordo com cada questão.

Pergunta 1 – Como você define sexualidade na adolescência atualmente?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por cinco categorias.

1 – *Julgamento com ênfase na gravidez*: Ex: “É um período em que o jovem está tentando se afirmar sobre os seus desejos natos. Um caso preocupante é a gravidez na adolescência, pois todos os anos temos adolescentes grávidas.”

2 – *Julgamento com culpa nos pais*: Ex: “A sexualidade está começando muito cedo, não sei se é por motivo dos pais trabalharem muito e os filhos ficarem ligados na TV e internet.”

3 – *Julgamento com culpa dos adolescentes*: Ex: “O adolescente recebe muita informação, mas não utiliza de forma correta.”

4 – *Falta de orientação para os adolescentes*: Ex: “Hoje os alunos vêem a sexualidade como algo muito aguçado, mas a informação é a mínima, apesar da escola trabalhar muito, aína deixa a desejar.

5 – *Banalização da sexualidade*: Ex: “Atualmente os jovens tem conhecimento, mas acho que está muito banalizado, porque os jovens não preocupam com gravidez, DST’s e nem com outras consequências.”

As categorias encontram-se na Tabela 17.

Tabela 17. Freqüência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: como você define sexualidade na adolescência atualmente

Categorias de respostas	F	%
Julgamento com ênfase na gravidez	1	4,2%
Julgamento com culpa dos pais	2	8,3%
Julgamento com culpa dos adolescentes	5	20,8%
Falta de orientação para os adolescentes	12	50,0%
Banalização da sexualidade	4	16,7%
Total	24	100%

Dos professores participantes, 50% acreditam que falta orientação sexual para os jovens, 20,8% julgam o comportamento sexual dos jovens, acreditando que as consequências da sexualidade como sendo responsabilidade do próprio adolescente, 16,7% acreditam que atualmente há uma banalização da sexualidade, 8,3% julgam a sexualidade na adolescência e

acreditam que as consequências dessa sexualidade é culpa dos pais e 4,2% julgam o comportamento sexual dos adolescentes, exemplificando a gravidez.

Pergunta 2 – Em sua opinião, quem deve ser responsável pela orientação sexual de seus alunos?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – *Pais com complemento da Escola*: Esta categoria engloba as respostas de professores que acreditam que primeiramente os pais, seguidos pela escola, devem orientar os adolescentes. Ex: “Primeiramente os pais e depois a escola.”

2 – *A sociedade como um todo*: Esta categoria engloba as respostas de professores que acreditam que a sociedade é responsável pela orientação sexual dos adolescentes. Ex: “A comunidade, todos os envolvidos com eles.”

3 – *Exclusivamente os pais*: Esta categoria engloba as respostas de professores que acreditam que os pais são responsáveis pela orientação sexual de seus filhos. Ex: “Acho que qualquer educação deve partir da família, porque estudos mostram que a boa educação é assimilada até os 7 anos, depois torna-se condicionamento. As escolas não estão preparadas para isso, porque tem poucos profissionais na área.”

As categorias encontram-se na Tabela 18.

Tabela 18. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: quem deve ser responsável pela orientação sexual de seus alunos

Categorias de respostas	F	%
Pais com complemento da Escola	12	50,0%
A sociedade como um todo	9	37,5%
Exclusivamente os pais	3	12,5%
Total	24	100%

Os dados da tabela acima demonstram que a maioria os professores acredita que a escola deve complementar a orientação dos pais, mas alguns professores afirmam que a sociedade é responsável pela orientação sexual dos alunos e outros acreditam que exclusivamente os pais são responsáveis pela orientação sexual dos adolescentes.

Pergunta 3 – Você dá abertura para que seus alunos discutam assuntos relacionados a sexo com você fora da sala de aula?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – *Afirmativa sem restrições*: Ex: “Sim, porque eles nos procuram e temos que alertar, mostrando a realidade do cotidiano.”

2 – *Negativa por falta de contato*: Ex: “Não, somente na sala de aula, porque não tenho muito contato com os alunos fora dela.”

3 – *Nunca aconteceu*: Ex: “Nunca aconteceu deles chegarem para me perguntar, mas se chegarem conversarei naturalmente.”

As categorias encontram-se na Tabela 19.

Tabela 19. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: você dá abertura para que seus alunos discutam assuntos relacionados a sexo com você fora da sala de aula

Categorias de respostas	F	%
Afirmativa, sem restrições	17	70,8%
Negativa, por falta de contato	4	16,7%
Nunca aconteceu	3	12,5%
Total	24	100%

Os dados da tabela acima mostram que 70,8% dos professores têm orientado seus alunos fora da sala de aula evidenciando que os adolescentes têm muitas dúvidas e recorrem ao professor para saná-las, enquanto 16,7% afirmam que não orientaram seus alunos porque não mantém contato com eles fora da sala de aula e 12,5% afirmam que os alunos nunca os procuraram para falar sobre sexualidade.

Pergunta 4 – Qual é o seu papel como informante para os seus alunos sobre sexualidade?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – Orientar independente da área de atuação: Professores que acreditam que devem orientar seus alunos, mesmo que não atuem em área relacionadas com a sexualidade. Ex: “Apesar da minha área não ter relação direta com a sexualidade, a própria formação geral me auxilia a tratar dessas questões.”

2 – Orientar dentro da disciplina: Professores que acreditam que devem orientar seus alunos somente se o assunto estiver relacionado com a disciplina. Ex: “Eu acredito que é orientar, aproveitando as oportunidades na disciplina.”

3 – Complementar o conhecimento do aluno: Professores que acreditam que devem complementar o conhecimento prévio do aluno. Ex: “Acho que o professor é apenas mais um informante, porque tem que começar dentro de casa.”

As categorias encontram-se na Tabela 20.

Tabela 20. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: qual é o seu papel como informante para os seus alunos sobre sexualidade

Categorias de respostas	F	%
Orientar independente da área de atuação	14	58,3%
Orientar dentro da disciplina	5	20,8%
Complementar o conhecimento do aluno	5	20,8%
Total	24	100%

Os dados acima demonstram o que foi citado por Altmann (2003), que as escolas têm sido um espaço de intervenção da sexualidade adolescente apontada como um problema social.

Pergunta 5 – Nas suas aulas, você conversa com os alunos sobre questões ligadas à sexualidade?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – Sim, dentro do conteúdo didático: Ex: “Falo somente se estiver relacionado com o assunto para não distorcer a aula.”

2 – Sim, sempre que surge o assunto: Ex: “Sempre que surge o assunto, você percebe as conversas dos próprios alunos, levanta a questão e consicentiza.”

3 – *Apenas quando sou questionado*: Ex: “Não muito, porque trabalho com exatas e quase não tenho oportunidades, mas falo quando sou questionado para não fugir do foco.”

As categorias encontram-se na Tabela 21.

Tabela 21. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: nas suas aulas, você conversa com os alunos sobre questões ligadas à sexualidade

Categorias de respostas	F	%
Sim, dentro do conteúdo didático	9	37,5%
Sim, sempre que surge o assunto	7	29,2%
Apenas quando sou questionado	8	33,3%
Total	24	100%

Na tabela acima podemos observar que de alguma forma, todos os professores falam sobre sexualidade em suas aulas. Esse aspecto é positivo, porque talvez essas conversas nas aulas possam ter o mesmo efeito das oficinas, nas quais os adolescentes acreditam que seja um espaço para falarem de assuntos dificilmente tratados em outros espaços institucionais (JEOLÁS & FERRARI, 2003). Porém, os dados mostram que apesar deles falarem, a maioria (37,5% e 33,3%) fala somente quando questionado ou se o assunto estiver correlacionado com a disciplina.

Pergunta 6 – Você já orientou seus alunos para procurarem um médico ou algum outro profissional que possa sanar as dúvidas sobre sexo?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – *Sim, sempre que há necessidade*: Professores que afirmaram orientar os alunos, sempre que vêem a necessidade. Ex: “Sim, sempre que vejo que não está sabendo o que quer, peço para que vão ao médico.”

2 – *Não, porque não é meu papel*: Professores que afirmaram não orientar os alunos a procurarem um médico porque acreditam que não é o papel do professor. Ex: “Não, porque acredito que isso cabe à família.”

3 – *Não, por falta de oportunidade*: Professores que afirmaram não orientar os alunos a procurarem um médico porque ainda não tiveram oportunidade. Ex: “Não tive oportunidade, porque eles nunca chegaram em mim.”

As categorias encontram-se na Tabela 22.

Tabela 22. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: você já orientou seus alunos para procurarem um médico ou algum outro profissional que possa sanar as dúvidas sobre sexo

Categorias de respostas	F	%
Sim, sempre que há necessidade	17	70,8%
Não, porque não é o meu papel	2	8,3%
Não, por falta de oportunidade	5	20,8%
Total	24	100%

A maioria dos professores (70,8%) afirma que já orientou seus alunos a procurarem um médico ou outro profissional na área para que possa sanar as suas dúvidas sobre sexo. 20,8% dos professores afirmaram não ter orientado os alunos porque eles nunca o procuraram para conversar sobre orientação sexual com um profissional da área e 8,3% afirmaram que não orientaram os alunos a procurarem um médico porque essa orientação não faz parte do papel do professor.

Pergunta 7 – Durante a sua formação em licenciatura, você teve alguma disciplina sobre educação sexual?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – *Não, mas seria importante*: Esta categoria engloba as respostas de professores que não tiveram educação sexual na licenciatura, mas acham que seria importante. Ex: “ Não, mas acho que seria importante porque nós professores devemos estar preparados para quaisquer eventualidades.”

2 – *Não, porque não faz parte da grade curricular*: Esta categoria engloba as respostas dos professores que não tiveram educação sexual na licenciatura, mas acham que não seria válido, por não fazer parte da grade curricular. Ex: “Não, acho que não tem

necessidade, porque cada curso tem a sua diferença e não tem nada a ver com o curso de Letras falar sobre sexualidade.”

3 – *Pouco, mas precisaria de instrução*: Esta categoria engloba as respostas dos professores que afirmaram ter um pouco de educação sexual na licenciatura, mas que acreditam que seira válido ter aprendido mais sobre o assunto. Ex: “Indiretamente, quando fiz Educação Física, mas é uma pequena informação. Acho que precisaria designar profissionais para trabalhar esse assunto com os adolescentes.”

As categoriais encontram-se na Tabela 23.

Tabela 23. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: durante a sua formação em licenciatura, você teve algum a disciplina sobre educação sexual

Categorias de respostas	F	%
Não, mas seria importante	20	83,3%
Não, porque não faz parte da grade curricular	3	12,5%
Pouco, mas precisaria de instrução	1	4,2%
Total	24	100%

Os dados da tabela acima evidenciam uma controvérsia do Governo Federal que apesar de ter inserido a orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) não preparam os professores para lidar com o tema de forma interdisciplinar.

Pergunta 8 – Como esta escola orienta os alunos com relação a sexualidade?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por três categorias.

1 – *Alguns professores orientam*: Ex: “Geralmente são os professores de Biologia, às vezes temos palestras, mas na maioria é com os professores de Biologia.”

2 – *De forma interdisciplinar*: Ex: “Esta escola trabalha muito com projetos interdisciplinar que abrangem essa área.”

3 – *Desconheço*: Ex: “Eu não sei, mas acho que cada professor tem a sua maneira de orientar.”

As categorias encontram-se na Tabela 24.

Tabela 24. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: como esta escola orienta os alunos com relação a sexualidade

Categorias de respostas	F	%
Alguns professores orientam	9	37,5%
De forma interdisciplinar	13	54,2%
Desconheço	2	8,3%
Total	24	100%

Apesar de não terem preparo acadêmico para lidar com o tema sexualidade, a maioria dos professores (54,2%) afirmaram que a escola trabalha com a sexualidade de forma interdisciplinar, como é aconselhado nos PCN's.

Pergunta 9 – Você acredita que, com boa orientação, a juventude de amanhã poderá ter uma vida sexual mais gratificante?

Feito o levantamento de todas as respostas dadas pelos professores, procedeu-se à elaboração de um sistema de categorização que ficou composto por cinco categorias.

1 – Afirmativa, com ênfase na prevenção: Professores que acreditam que sim porque auxilia na prevenção. Ex: Com certeza, principalmente porque hoje o que vimos é o que eles fazem sexo sem prevenção, parecendo não acreditar que pode acontecer alguma coisa.”

2 – Afirmativa: Professores que responderam sim, mas não justificaram as respostas. Ex: “Claro, porque a boa educação atinge qualquer objetivo.”

3 – Depende da família: Professores que acreditam que a forma como a família trata da sexualidade é o fator primordial para a juventude ter uma vida sexual mais gratificante. Ex: “Eu penso que hoje não existe alunos ingênuos, porque eles tem muita informação, mas falta a família orientar melhor.”

4 – Depende do adolescente: Professores que acreditam que depende do adolescente para que a juventude tenha uma vida sexual mais gratificante. Ex: “Sim, porque eles aprenderiam a preservar a vida podendo ter um prazer mais intenso e completo. Porém, depende da consciência de cada pessoa.”

5 – *Não melhora, mas evita*: Professores que acreditam que a boa orientação não melhora a vida sexual dos jovens, mas evita algumas consequências. Ex: “Eu não sei se a orientação é tudo, mas é o começo. Não digo que é o que vai levá-los a ter uma vida sexual mais gratificante, mas pode evitar alguns problemas.

As categorias encontram-se na Tabela 25.

Tabela 25. Frequência e porcentagem de cada categoria de respostas dos professores em relação à questão: você acredita que, com boa orientação, a juventude de amanhã poderá ter uma vida sexual mais gratificante

Categorias de respostas	F	%
Afirmativa, com ênfase na prevenção	7	29,2%
Afirmativa	7	29,2%
Depende da família	6	25,0%
Depende do adolescente	1	4,2%
Não melhora, mas evita	3	12,5%
Total	24	100%

Esses dados demonstram que 29,2% dos professores acreditam que a boa orientação auxilia na melhoria da vida sexual do adolescente, por auxiliar na prevenção. Dentre os participantes, 29,2% afirmaram que a boa orientação auxilia na orientação sexual dos adolescentes, mas não justificaram suas respostas. 25% dos professores atribuem a melhoria da vida sexual dos adolescentes à família, 12,5% dos participantes acreditam que a boa orientação não melhora a qualidade de vida dos adolescentes, mas evita que eles algumas consequência advinda do comportamento sexual e 4,2% dos professores atribuem a melhoria da vida sexual dos adolescentes ao próprio adolescente, acreditando que a informação é transmitida e depende da consciência de cada indivíduo para que tenha uma vida sexual mais gratificante.

CONCLUSÕES

A sexualidade é composta pelos níveis psicossociais de cada indivíduo e ela pode ser influenciada pelos contextos familiares, estudantis e de pares. Portanto, a forma de abordagem do assunto pelos socializadores (pais e professores) deve ser cuidadosa e os mesmos precisam preparar-se no nível de informação e na forma de lidar com o assunto para que não acarrete conseqüências maléficas para a vida sexual dos adolescentes.

Os adolescentes demonstram ter conhecimento dos assuntos que envolvem a sexualidade, sugerindo que os pais e professores estão cumprindo com os seus papéis como informantes. Portanto, pelo menos no campo do discurso, a informação está sendo transmitida de forma clara e objetiva e depende do adolescente para que ele mantenha uma vida sexual saudável.

Porém, a família e a escola exercem papéis fundamentais na tomada de opiniões e na formação dos adolescentes, cabendo à estes grupos sociais a responsabilidade de tratar a sexualidade para a conscientização dos adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, H. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.46, p. 287-310, 2007 (a).
- ALTMANN, H. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.15, n.2, p.356, 2007 (b).
- ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de de corpos e de gênero. *Caderno Pagu*, v. 21, p. 281-315, 2003.
- BELO, M. A. V. & PINTO E SILVA, J. L. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Rev. Saúde Pública*, v. 38, n. 4, p. 479-487, 2004.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A Pesquisa em Psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli, G.; Biasoli-Alves, Z. M. M. *Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 135-157.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In: Althoff, C. R.; Elsen, I.; Nitschke, R. G. *Pesquisando a família: Olhares contemporâneos*. Florianópolis: Papa Livro Editora, 2004. p. 91-106.

- BONI, V. & QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1, p. 68 – 80, 2005. Disponível em: < www.emtese.ufsc.br >. Acesso em: 20 de novembro de 2009 às 14:56 h.
- BORGES, A. L. V., LATORRE, M. R. D. O. & SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.23, n.7, p. 1583-1594, 2007.
- CANO, M. A. T., FERRIANI, M. G. C., GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Revista latino-am. enfermagem*, Ribeirão Preto, n.2, v.8, p. 18-24, 2000.
- CAPUTO, V. G. & BORDIN, I. A. Problemas de saúde mental entre jovens grávidas e não-grávidas. *Rev. Saúde Pública*, v. 41, n. 4, p. 573 – 581, 2007.
- CARLINI-COTRIM, B., GAZAL-CARVALHO, C., GOUVEIA, N. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.34, n.6, p. 636-645, 2000.
- CARLOS, A. I.; PIRES A.; CABRITA, T.; ALVES, H.; ARAÚJO, C. & BENTES, M. H. Comportamento parental de mães adolescentes. *Análise Psicológica*, v. 2, p. 183-194, 2007.
- DIAS, A. C. G. & GOMES, W. B.; Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, Rio Grande do Sul, v.4, n.1, p. 79 – 106, 1999.
- FAERSTEIN, E.; LOPES, C. S.; VALENTE, K.; PLÁ, M. A. S. & FERREIRA, M. B. Pré-testes de um questionário multidimensional auto-preenchível: a experiência do estudo pró-saúde UERJ. *Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 117 – 130, 1999.
- JEOLÁS, L. S. & FERRARI, R. A. P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 8, n.2, p. 611-620, 2003.
- LEITE, I. C., RODRIGUES, R. N., FONSECA, M. C. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n.2, p. 474-481, 2004.
- LOPES, G. & MAIA, M., Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. *Revista Sexol.*, v.2, n.1, p. 30-33, 1993.

- MEDEIROS, M., FERRIANI, M. G. C., MUNARI, D. B., GOMES, R. A sexualidade para os adolescentes em situação de rua em Goiânia. *Revista Latino-am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.9, n.2, p. 35-41, 2001.
- MEIRA, L. B. *Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos*. João Pessoa: Autor Associado, 2002.
- PINTO & SILVA, J. L.; SARMENTO, R. C.; LAENDER, C. & FAÚNDES, A. Gravidez na adolescência: conduta frente à anticoncepção e ao sexo. *J. Bras. Ginecol.*, v. 90, p. 283 – 287, 1980.
- PIOVESAN, A. & TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318 – 325, 1995.
- PRATTA, E. M. M. & SANTOS, M. A. Família e Adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n.2, p.247-256, 2007.
- PRUST, L. W. & GOMIDE, P. I. C. Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. v. 24, n. 1, p. 53 – 60, Campinas, 2007.
- SOUSA, L. B. de, FERNANDES, J. F. P., BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paul Enferm*, v. 19, n.4, p. 408-413, 2006.
- TAQUETTE, S. R.; RUZANY, M. H.; MEIRELLES, Z. & RICARDO, I. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. *Cad. Saúde Pública*, v. 19, n. 5, p. 1437 – 1444, Rio de Janeiro, 2003.
- TONATTO, S. & SAPIRO, C. M. Os Novos Parâmetros Curriculares das Escolas Brasileiras e Educação Sexual: uma proposta de intervenção em Ciências. *Psicologia & Sociedade*, v.14, n.2, p. 163-175, 2002.
- VILLELA, W. V. & DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.22, n.11, p. 2467-2472, 2006.

Recebido em 02 de julho de 2013.

Aprovado em 17 de julho de 2013.